

O universo na palma da mão

Parte I

Caio Souza

Licenciando do curso de Química da UFRN.
“Hoje meu desejo profissional é a sala de aula”.

Orientadora de Estágio:
Profa. Dra. Josivânia Marisa Dantas (UFRN/DPEC)

10

Em meados de 2009 ingressei na UFRN ainda novo, com 17 anos, para dar início a minha vida universitária. Em um curso de Bacharelado, Química do Petróleo, mas eu mal sabia o que o futuro me reservava. Sempre acreditei que a minha aptidão era estar na indústria, envolvido em processos, máquinas e painéis de controle, mas as circunstâncias em meio a um período de crise me fizeram conhecer a docência. As primeiras experiências não foram tão satisfatórias e o curso não desenvolvia. No primeiro estágio não obrigatório um desejo tomou conta, a sala de aula. Como em um estalo de dedos ou como se eu já carregasse a vontade de ensinar, mas não a tivesse encontrado até aquele momento.

No primeiro contato com a Escola Dinarte Mariz, escola com sede no bairro de Mãe Luiza, mas alocada no Colégio Atheneu, pude enxergar uma realidade que eu não conhecia, a sala de aula de uma escola da rede pública em um bairro periférico. Ao me integrar às atividades da disciplina Estágio Supervisionado de Formação de Professores II percebi as dificuldades que cercam o ensino e o andamento de uma escola, para alguns aquilo foi um choque de realidade que nos fez repensar nossos conceitos, nossa visão de mundo.

Passado esse primeiro contato e agora me integrando ao ambiente da sala de aula, nosso grupo passou a conhecer o público alvo, o 6º ano. Uma turma diversa, com idades entre 11 e 15 anos. O nosso projeto tinha o título “Universo na palma da mão” e foi pensado a partir do artigo “Uma experiência de ensino de astronomia no 6º ano”, da revista “Experiências em Ensino de Ciências”. Após semanas de planejamento de atividades, veio a nossa primeira interven-

ção e o primeiro grande desafio, “controlar” uma turma numerosa. Como prender a atenção de pelo menos 30 jovens? Como manter o nosso planejamento dentro programado? Ficava a dúvida e por vezes a angústia e sensação de “não vai dar”. A primeira atividade, construção de maquetes do nosso sistema solar, foi um divisor de águas e assim a sensação de insegurança e desmotivação inicial, já que eram quase 40 crianças, foi ficando de lado.

Muitas vezes atividades manuais que abordam um determinado conteúdo geram muito mais resultado. A aula foi livre, os alunos passaram a questionar, tínhamos retorno daquilo que nos propomos a fazer. Criamos um vínculo com os alunos ao ponto de eles perguntarem quando voltaríamos e qual seria a próxima atividade. No decorrer de nossas atividades, que foram 4 no total, os alunos estavam participativos, questionavam e naquele momento, eu e o grupo, percebemos que o contato que tivemos durante aquelas semanas nos fez ter uma outra percepção. Conseguimos enxergar nos alunos que o objetivo tinha sido atingido e o trabalho ainda gerou frutos. Na feira de ciências da escola alguns grupos apresentaram a maquete construída na primeira atividade para os demais alunos. Agora eles é que estavam lá na frente, apresentando algo e passando para os demais o que aprenderam em sala de aula conosco.



(Foto: Caio Souza/UFRN)